

sias, fechados a sete chaves. Só podiamos sair no alto mar.

—Como souberam a bordo que o Gilberto dos Santos se tinha escapado?

—Por denúncias duns soldados que viajavam comôso.

—O regime a bordo foi sempre o mesmo, continuou.

—Foram todos para Timor?

—Não, alguns ficaram em Moçambique porque o Mousinho facultou o desembarque a quem não quizesse seguir viagem. Fizeram bem. Ficaram melhores do que os que desembarcaram em Timor.

—Sim?

—Sim. Chegamos a Timor depois de uma viagem de dois meses. Faça uma palida ideia do nosso estado. No caes eram aguardados por uma força do exercito que nos conduziu á cadeia. A nossa entrada na sala foi motivo de susto para muito boa gente.

A primeira refeição que nos deram, constava, sabe de quê? de milho côido... Eu rejeitei-a e os meus companheiros de desdita fizeram o mesmo. Nós não eramos galinacos...

Provocou-nos o riso e, simultaneamente, a indignação.

—Não é assim que se tratam os homens. E falamos os senhores do Estado, em civilização! Bandidos.

—No dia seguinte fomos chamados pelo governador, um tal José Celestino que, ha mezes, deu a alma ao creador.

Esse sujeito, do alto do seu poder, ameaçou-nos de morte caso nos dedicassemos á propaganda anarquista naquella ilha. Pela minha parte, respondi-lhe o que entendi. Nada, absolutamente nada me desviava do caminho que resolvera tomar. E se não fazia propaganda é porque ali não encontrava quem a podesse compreender, lhe disse. O homem tomou me de ponta, como se diz. Nunca mais deixou de mostrar o rancor que por mim sentia. Eu sempre na minha. Varias vezes me quizeram matar.

—Assassina-se um homem com tanta facilidade?

—Com tantissima facilidade. O Celestino quando se zangava vinha sempre com esta: **Em Portugal quem manda é o ministro da marinha; aqui sou eu. D. Carlos é o rei de Portugal; o rei de aqui sou eu.** Por isto pôde fazer um juizo do que por lá se passava. Assassina-se para saciar os maus instintos do governador, assassina-se para roubar. A vida humana era violavel. Nós pertenciamos ao governador. E o filho, o Montalvão, não ficava atrás.

Mas a historia desse senhor, que é official de marinha, hei-de trazer-la a publico logo que receba uns papeis que deixei em Timor. Não perde com a demora. A imprensa ha-de falar. A verdade que appareça, que justiça será feita.

—Uma luta de morte se travou entre nós. Eu não lhe conto tudo. Oito «Agitadores» não chegavam para relatá-lo.

—Certo, bem... segue Raimundo. Eu não os aproveitei. O governador não queria. O mesmo succedeu ao Gilberto.

—Qual?

—O Gilberto dos Santos.

—Ele não tinha fugido?

—Foi agarrado mais tarde e atirado para la.

—Porque não vos davam o indulto?

—Perrarias do governador.

—Sempre o governador, exclamamos nós.

—E' verdade. Terrivel, o genio daquele militar. Duro, durissimo como as pedras da calçada era o seu coração.

—Mas explique, porque não vos deram o indulto?

—Eu era odiado e temido pelo Celestino, odiado por não me curvar, por não o bajular. Temido por ter conhecimento dos seus negocios escuros em que o Estado ficava prejudicado. Receava que eu viesse para a metropole denunciá-lo. O Gilberto também não regressava porque não queria servir nas plantações que Celestino possuia. E faleceu o pobre rapaz!

—De quê?

—Duma biliosa. Faleceu, chorando por não ter a seu lado a mãe que tanto idolatrava.

—O governador Celestino já tinha saído ha muito de Timor, quando se proclamou a Republica?

—Tinha saído pouco depois da liquidação do Carlos de Bragança, que era seu protetor.

Deixe-me dizer que o Buiça também me beneficiou. Foi a unica maneira de me ver livre do meu figadal inimigo.

—O governador que succedeu a Celestino era mais homem?

—Sem duvida. Começou tratando do meu regresso a Lisboa, que tanto desejava visitar. Quando chegou a Dilly o telegrama do ministro dando-me a liberdade de regressar aqui, já ia a caminho do meu indulto. Ah, vou dizer-lhe ainda mais uma cousa. O Montalvão pouco antes da proclamação da Republica, esteve em Dilly com esperanças de ser nomeado governador da provincia. Eu tratei de o afastar. Assim, antes de elle desembarcar afixei pelas ruas uns placards avisando o povo timorense do risco que corria.

Grande parte da população estava a meu lado e, posso affirmá-lo, Montalvão não estaria muito tempo no poleiro...

Mudando de assunto, Raimundo Santos fala-nos do movimento

anarquista que veiu encontrar em Portugal. Não o satisfaz. Ele que é o mesmo, que não recuou um passo, que continúa a cantar a redenção humana de seja outra orientação e mais educação libertaria. Tem razão o velho combatente. Mas a culpa não se pode atribuir a este ou a aquele. A sociedade portuguesa viveu, ultimamente, uma vida especial que a afastou de tudo quanto de grande e belo, o cerebro humano pode conceber.

Viveu para a Republica, só para a Republica. Dela esperava o pão para a boca, o remedio para as suas maguas. Equivocou-se. E' agora a ocasião de trabalhar, com vontade e com acôrto.

E' agora que se vão formar as falanges libertarias que preparão as gerações novas para o Amanhã redentor. Acordam as consciências! Abrem-se os cerebros!

Propague o «Agitador»

A Universidade de Coimbra em foco

Não nos surpreendeu a revolta, activa e digna, da Academia de Coimbra contra a lentalha universitária. Já a esperavamos ha dias, desde que tivemos conhecimento das arbitrariedades, das injustiças que ali se praticavam, desde que vimos, como nos tempos da monarchia, manifestar-se o espirito jesuitico, mau, perverso e vingativo.

Natural, naturalissimo o que ocorre em Coimbra. Depois de tantas e tantas promessas, o ensino daquela Universidade continúa a ser o mesmo, salvo duas ou tres alterações. Continúa e continuará, porque se ha, realmente, vontade de o remodelar, se está no animo do governo abrir a Porta Ferrea á Luz e á Razão, o que primeiramente tem a fazer, é mandar para as suas casas solarengas muitos e muitos, quasi todos os lentes do até hontem considerado primeiro estabelecimento do paiz. O mal de que enferma a Universidade não está só na organização dos estudos. Está, também, nos que ensinam, nos que do alto das suas cadeiras, que os queridos iconoclastas da Academia coimbrã despedaçaram em outubro proximo passado, persistem em impor a sua ciencia bolorenta e estúpida, mesmo, não permitindo a mais pequena objecção do estudante que, para eles, é o

automato, o ser sem dignidade nem consciencia.

A causa da revolta academica, que nós aplaudimos pela significação que ella encerra, embora espiritos malevolos a queiram deturpar, é intima, muito intima do actual ministro do interior. O dr. Antonio José d'Almeida cursou a Universidade, fez parte do corpo discente de aquelle casarão, que insulta a estetica da cidade do Mondego, e sofreu, como os estudantes de hoje, a tirania catedratica. Por isso, em vez de se mostrar arrogante e ameaçador, em vez de, encobrendo-se com o Ordem, ordenar rigores franquistas, devia obstar, quanto antes, já que outras medidas não pode adoptar, a que centenas, milhares de estudantes fiquem prejudicados pela birra do reitor, que pode ser um grande homem, mas que tem a recommendação... o ser lente em Coimbra. Mas não. O estudante de hontem é o ministro de hoje. E como o homem é produto do meio, não só não veremos a justiça a cumprir-se, como assistiremos a perseguições, a novas injustiças do Estado, inimigo irreconciliavel de toda a Rebelião por mais nobre, mais justa e alevantada ella seja.

Preteende-se desculpar o encerramento com a agressão a lentes. Que pobreza de argumentos. Mostram bem que saíram pela Porta Ferrea. O lente não é inviolavel. Não pode ser. A inviolabilidade não é do nosso seculo. E' uma das razões que levou o ministro do interior e muitos outros membros do governo a combater o regime monarchico. Não se admitia que um rei fosse inviolavel. O mesmo succede com os lentes. Todo o examinador que reprove, injustamente, um estudante ou que, por acinte, lhe dê uma classificação mais baixa do que devia dar, tem de ser responsável, como homem, quando mais não seja, pela façanha cometida. E' logico.

O operariado, o escravo dos outros tempos, revolta-se contra o patronato. Exige-lhe regalias; conquista tudo quanto pode. Aos estudantes deve assistir o mesmo direito. Têm sobre si o peso da lentalha muitas vezes bem mais esmagadora que o do patronato. O estudante, como o operario, tem de sair para a rua, para o unico parlamento popular, reivindicar o que lhe pertence e proclamar bem alto a sua insubmissão.

Nada de receios, estudantes revolucionarios da Academia de Coimbra!

Nada de transigencias, camaradas estimados!

Contae com o nosso auxilio, com a nossa solidariedade!

Lutar é viver, disse Kropotkine.

Avante, pois!

Certame anarquista em Hespanha

Os nossos camaradas do grupo «Los Egoistas», de Espanha, promoveram um certame, que causou grande entusiasmo. Alguns trabalhos de valor foram apresentados, tendo merecido os maiores elogios da parte de todos que pelo certame se interessaram.

Vamos reproduzir, hoje, um dos temas que foram publicados no nosso colega barcelonez *Tierra y Libertad*.

A sua essencia e a forma correcta e simples em que está escrito, interessarão, certamente, os nossos leitores.

Sou antisindicalista

Não molestaria os leitores deste semanario com as minhas mal aliohavadadas linhas, se aqueles que gozam da fama de escritores, não se tivessem calado perante os temas de grande importancia para a bem definida orientação dos principios libertarios, hoje tão deturpados pelos pseudo-cientistas.

É raro apparecerem-nos occasiões tão oportunas como a que hoje nos oferece o grupo «Los Egoistas», para que, com egoismo, saneemos o caminho pelo qual marcharemos á procura da eterna perfeição.

Podia resumir em dez linhas as razões que me levam a ser antisindicalista, já que o sindicalismo foi e é apresentado ás massas como uma doutrina emancipadora, que na opinião dos que o apregôam não é politico, partidario do socialismo do Estado, nem antipolitico, do individualismo anarquista; isso, repito, dizem os sindicalistas a como fóra da Anarquia só existe opressão, depreende-se, naturalmente, que qualquer doutrina ou tendencia antianarquica é partidaria duma doutrina autoritaria e por consequencia o sindicalista, como o catolico, não pôde ser anarquista.

Isto era o suficiente para justificar que, logicamente, devemos ser antisindicalistas, mas como ha quem não compreenda que fazer eu, em companhia doutro, qualquer trabalho, que reciprocamente nos seja util, não é associação, porque trabalho para mim, julgo de utilidade alargar-me mais neste trabalho.

Se cada um dos que armazenam numa a sua parte de trabalho, não o fizesse, haveria livros, relógios, telegrafos, etc.?

Have-los-ia imperfeitos, inuteis porquanto falta uma parte desse todo, logo se cada um presta o seu concurso é porque o necessita: acordo individual.

«A organização operaria propagada pelos sindicalistas, não é um meio para perpetuar a exploração? Sem duvida. Os seus adeptos tem a convicção que de modificação a modificação se chegará a viver livremente, conciente ou inconcientemente e que, como na ordem politica, a mudança indefinida de fracções que se debatem para impor seus sistemas de governo deixam de ser uma solução radical para que a liberdade seja realmente gozada, visto que eles não vão anular o Estado, base da opressão, mas a fortifica-lo sobre outros nomes que mais simpatia tenham do povo: republicano, socialista, sindicalista e para conseguilo empregam meios pacíficos, as eleições, e revolucionarios quando duvidam da eficacia daquêle metodo (*) Não fazem desde o principio propaganda revolucionaria porque temem os adversarios que podem matar em germen, suas iniciativas e também porque não é conveniente que o «povo», que ha de acatar as suas futuras resoluções aprenda a desrespeitar e aniquilar os seus modernos mandões.

Só quando veem a impossibilidade do triunfo eleitoral é que recorrem á violencia varrendo num pronto fracção que estorva a estrada que conduz á mangedoura nacional.

Da mesma maneira o sindicalismo vae de melhoria em melhoria postergando a definitiva contenda entre os ricos e os pobres, cimentando a exploração com os pomposos titulos Cooperativa Operaria, Casas do Povo, Casas para Obreiros, Matadouros Publicos (isto sim!) diminuição das horas de trabalho, diminuição das reodas de casa, aumento de salario, desigualdade de tabelas de gremio a gremio, representações na

(*) Os liberaes mexicanos assim o entendem hoje.

Communa etc. Não será isto politica operaria?

O sindicalismo com seus regulamentos, suas greves metalicas, suas 48 horas de praso, suas discussões no conselho do poder executivo, administrativo, de delegados para ver se é ou não justa (l) a greve, se é a hora propicia, sua burocracia, não é um meio para chegar, em breve, ao Estado sindicalista?

A posse dos campos, fabricas, etc., com seus respetivos «comités» não são trabalhos identicos aos que querem levar a cabo os socialistas do Estado, «científicos»?

O sindicalismo não pode ter um objetivo anarquico, mas sim autoritario, porquanto a organização do trabalho debaixo destes ou doutros regulamentos, estabelecido, de facto, o dever de submeter-se. A propria palavra organização o indica.

Muitos inteletuaes confirmam as nossas afirmações. Antonio Loredo, por exemplo, no n.º 36, 4.ª época, da *Tierra y Libertad*, diz:

Atravez do congresso (ultimo paragrafo)—... depois de triunfar o sindicalismo, será organizada uma sociedade mais livre.

Não é isto confessar, clara e terminantemente, que o sindicalismo não pode ter um fim livre?

Aonde ha administradores e administrados, pode existir liberdade? Não, porque ha quem não seja capaz de se administrar e quem opte por ser administrador.

Só na Anarquia teremos liberdade, porque só nela os homens não quereão ser governantes.

Precisas tu, homem conciente, de incitamentos para a revolta contra os que pretendem violentar tua consciencia?

Não, porque sou conciente!

Pois bem, façamos anarquistas e teremos homens na verdadeira acção da palavra, que seguirão o que a sua consciencia lhes dite.

O esquecimento dessa preparação de consciencias, por parte do elemento sindicalista, deu lugar, e o dará, a que se dissolvam as suas associações sempre que o Estado queira, que esses mesmos operarios ingressem nas sociedades patronaes logo que os patrones o ordenem; que percã as regalias conquistadas quando a burguezia oferta alguma resistencia, que, por ultimo, esses mesmos trabalhadores, com anos e anos de associação, se contentem com preencher as vagas do corpo de policia, de bombeiros, de guardas republicanos e outros elementos perpetuadores da corrupção governamental!

Com esta gente (que os sindicalistas fomentam) é possível crear algo são, duradouro, integral?

Que faremos — pergunta alguém — depois da revolução?

Socialista.—Que farás depois da revolução?

«Esperarei ordens da comissão executiva».

Sindicalista.—Aguardarei que se reuna o Comité diretor, a fim de que ordene o que devo fazer».

Anarquista?—No dia seguinte voltarei ao meu posto de vespera na carpintaria, produzindo o que me for necessario. E tu?... Eu na padaria e assim todos os outros anarquistas, para justificar nosso nome, sem diretores.

Sindicalista, terás de organizar o trabalho dar ordens para te converteres — contra tua vontade — em mandão.

Dize-me, sindicalista, porque lutas pelo aumento do salario em vez de lutar pela sua equaldade? E' justo que tu, official, ganhes cinco pesos, enquanto o moço só tem um? Oh, a luta de classes!

O sindicalismo é ou não um meio de perpetuar a exploração?

Se o não é, podes demonstrar-m'o?

Se o é para que havemos de perpetuar aquilo que devemos abolir?

Medita... que ainda estás a tempo para ocupar o teu posto na liquidação final, sem comités nem pastores.

M. D. RODRIGUEZ (Intransigente).

Istmo de Panamá.

Assinae o «Agitador»

Trecho duma carta

... Que te deve importar que não comprendam a significação do teu gesto de repudio, a grandeza do teu sacrificio prometeuco — e que contra ti se enfureça a escoria, e vocifere?

A tua indecisão — se a tens realmente, como suspeito — desculpa-me a rude e implacavel franqueza, não é propria do teu espirito, é lamentosamente vulgar.

Todos aqueles que descobriram ou sentiram qualquer cousa de superior, e a revelaram pelo Verbo ou pela Acção, ouviram o clamorear da canalha e viram desvirtuados os seus nobres designios. Lembra-te destas palavras imorredoiras de Emerom: «Ser grande implica ser incompreendido. — Nada ha sagrado senão a integridade da propria consciencia».

Arneza-te, meu caro, do diogenico cinismo que nos faz encargar com seriedade as arremetidas da canalha, e convence-te que a canalha não merece mais que o sorriso nitzcheano do teu desdem — esse desdem que é a mais preciosa riqueza do homem independente e heroico.

Pois não será uma inepecia e uma irrisão espantosas querer para o homem a imutabilidade que no Universo os proprios cristaes não tem, que ele anquile e petrifique num instante de Vida, e persevere, contra os protestos excruciantes da propria consciencia, na verdade efemera e transitoria que colheira do mundo, considerando esse supplicio como um titulo de nobreza?

«L'homme absurd est celui qui ne change jamais» — disse o Poeta. E' exato. Os outros dirão na sua boçalidade esquindade de misonicistas que a tua mudança de opiniões resulta levandade pueril, ou até mesmo, uma truc de comodismo solerte e videirinho. Não sabes tu bem que isso não é verdade?... E, quem são os outros? Os mediocres, a *pacotille humaine* de que falam os Goncourts, o rebutalho humano que se rebela contra todas as iniciativas, a carneirada de Paruargo que glorifica — para se glorificar — todas as debilidades, todas as deficiencias, a cristalização, a rotina, o conformismo gregario, todos os absurdos e todos os preconceitos.

Permite-me que te diga: ainda estás muito cheio de reminiscencias psicologicas do maior numero, ainda és demasiado bom para seres forte, altivo, combativo, tu mesmo? «O mais duro é o mais nobre» — escreveu Nietzsche. E tu és ainda tão molel... Nota: Eu mesmo que assim te falo com uma acometicidade tão audaciosa também partilho um tanto dos teus receios. Ah! mas que dilacerante luta eu travo contigo, com a minha mentalidade antiga que teima renascer e prevalecer!

E agora deixa-me que te abra o coração e expanda o meu sentir.

Admiro te pelo esforço, pela iniciativa, pelo desejo, por essa sede tantalica de perfeições que te devora. Sinto o que tens sofrido, a febre do teu duvidar, a agonia da tua alma profunda e sequiosa: por isso á hesitação da hora presente ainda mais ilogica se me apresenta.

Como tu, eu já me consumi na duvida lacerante, nessa aflicção unica que promana do desamparo de quem perde no mar das desilusões amarissimas, a Taça maravilhosa das suas verdades intimas... Senti a garra da Neurastenia rasgar-me o coração, estorçar-me as fibras mais sensiveis, encher-me do tédio schopenhauriano de viver, e desfiz-me em lagrimas de Dôr. A dôr não me anesteziou todavia. Pelo contrario: fez-me olhar a Vida com olhos profundos, e adquiri um criterio mais lucido para analisar enumeras cousas até ahi sem significação para mim.

As alegrias da popularidade deixam-se ás inteligencias facies, que com a da massa tem analogias e semelhanças essenciaes. Os grandes lutadores foram sempre impopulares. A consciencia coletiva condensa todos os *parti-pris*, todas as superstições, todas as ferocidades. E' precisamente contra ella que é preciso que se arme a coragem e a indignação dos que querem realizar a propria vida, efetivar as virtualidades da sua alma creadora...

Não hesites, por consequente, na preteritoria affirmação das tuas novas ideias, e arma-te de coragem, de *elan*, de altiva e dominadora severidade, se queres, a todo o custo, reivindicá-las, justificá-las e defendê-las. Lembra-te que só pela objetividade defendida e terminante da sua vida o homem alcança uma maior valia moral e de que na acção a nossa alma ganha em frescura, em decisão, em beleza.

Faz sempre por manter no torvelinho da vida o dominio de ti mesmo, o teu proprio dominio, que é o maior do mundo, como diz o conceito leonardiano. Guarda sempre a calma interior, a esperança vivida, o anhelo estuante do *excelsior*; guarda sempre, inalteravelmente, o orgulho dos adversarios, e nunca aceites um combate com um adversario indigno de ti. Confia na vida, tem sempre fé na vida. Acostuma-te a amar, acima de tudo, as obras que levem o vincio sagrado da tua *griffe*: engrandece-te e alarga-te. Tempera no cadinho da paixão mais pura o aço e a prata, o bronze rico e o ouro fulgurante da tua alma insigne: e, mais uma vez, lembra-te que viver é agir, é lutar, crear — e que a melhor poesia é a dos gestos heroicos, dos sacrificios voluntarios, a poesia actuada e vivida.

E depois de tudo isto volta-te para a Natureza, reconcilia-te com ella — e esforça-te por não perderes no *plémle* dos interesses e na farandula dos vicios, ahi, nesse antro — a Cidade — essa ingenua religiosidade que te exalta, essa unção ardente que te espiritualisa e te faz ainda adorar as estrelas e as rosas...

AFONSO DE BOURBON.

O casamento é uma casa de prostituição onde se entra sem corar nem pagar.

PAULO MANTEGAZZA.

Lêde o «Agitador»